

EDITORIAL DA EDIÇÃO ESPECIAL

Esta edição da Revista Noctua busca estimular o debate sobre as definições do fazer arqueológico que têm tensionado as perspectivas tradicionais de Arqueologia. Para isto, colocamos em evidência algumas das discussões que foram fomentadas em dezembro de 2023, durante o 4º Seminário de Teoria Arqueológica Contemporânea (Seta). Trata-se de evento anual organizado pelos docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf) e do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, em parceria com o Laboratório de Preservação Patrimonial da Univasf.

Naquele momento, nos reunimos para refletir sobre as tensões e disputas entre materialidades, discursos, espaços e temporalidades no fazer arqueológico, questionando as definições herméticas de Arqueologia e Patrimônio, ao passo em que celebramos a diversidade teórico-metodológica, cronológica e temática da nossa disciplina. Após longa maturação e na expectativa de fomentar a continuidade dos debates, trazemos neste dossiê onze artigos que compõem um mosaico capaz de tensionar o entendimento da Arqueologia exclusivamente como o estudo de vestígios materiais do passado. Ao mesmo tempo, nos inspira a refletir sobre a singularidade do “arqueológico” que atravessa diferentes perspectivas de materialidades, temporalidades e espaços, atentando-se ainda para processos de construção de conhecimentos e discursos, na conjuntura de seus efeitos políticos e sociais no presente.

Portanto, ao problematizarem se “se faz arqueologia assim?” alguns dos estudos de caso desta edição exemplificam a multiplicidade de possibilidades do fazer arqueológico. Por este viés, Ana Bueno e Waldimir Neto elaboram uma verdadeira cartografia das pesquisas arqueológicas desenvolvidas na região costeira do estado do Piauí, refletindo sobre como diferentes empreendimentos científicos levam a classificações distintas dos espaços arqueológicos. Por sua vez, Caroline Negreiros e seus colaboradores se dedicam à análise e à classificação das gravuras presentes no Sítio Toca dos Oitenta, localizado no Parque Nacional Serra da Capivara, observando a correlação entre as escolhas técnicas para a confecção dos grafismos e as características do suporte rochoso. Já Maria Pereira e seus colaboradores se debruçaram sobre a coleção de materiais líticos do sítio Caminho Novo, localizado no município de Caldeirão Grande do Piauí (PI) na Chapada do Araripe, promovendo uma classificação tecnotipológica do acervo, atentando-se para a identificação das marcas de uso e da produção de adornos, especificamente os tembetás.

Já a convicção de que a Arqueologia é capaz de contar histórias multitemporais, muitas vezes silenciadas ou desprezadas por outras disciplinas ou pelos discursos oficiais, pode ser percebida nos artigos que buscaram refletir sobre “desde quando isso é Arqueologia?” Cauly Silva e Nívia Assis lançam mão da cartografia histórica e da Arqueologia da paisagem para discutir como a antiga “Estrada do Junco”, na região de São Raimundo Nonato – PI, historicamente exemplifica um espaço de movimento, sendo, em distintos períodos, o cenário para o ir e vir de transeuntes, humanos e animais. Pensar sobre o passado recente da região do Médio Solimões ganha outros contornos na sensível escrita de Geórgea Araújo, que não apenas parte dos materiais vítreos para construir uma arqueologia urbana das águas que nos faz mergulhar sobre as histórias do comércio das bebidas alcoólicas e da borracha na cidade de Tefé (AM), mas também nos convida a encarar as tormentas provocadas pela pandemia de Covid 19, que além de ceifar a vida de milhões de pessoas, também afetou nossa prática profissional. A dinâmica das águas também são um marco importante na história de Pilão Arcado (BA), cuja construção da Barragem de

Sobradinho alterou definitivamente a paisagem e a vida local, indicando como as dinâmicas do tempo e do rio transformam uma cidade em “ruínas”. Jarryer Pinheiro também discute como a própria noção de patrimônio arqueológico se altera ao longo do tempo. Por sua vez, Vanessa Sial e Sérgio Silva analisam como o crescimento urbano, impulsionado pelas demandas imobiliárias em Recife (PE), na virada do século XX, não transformou apenas a paisagem e a vida no antigo Povoado da Boa Viagem e na localidade do Setúbal, mas inclusive os “espaços dos mortos” foram reconfigurados e afetados.

Finalmente, o reconhecimento de que os discursos produzidos na Arqueologia não são meros reflexos imparciais de dados destituídos de consequências sócio-políticas, apesar de implícitos em todos os textos que compõem esse dossiê, é frontalmente enfrentado através da análise de diferentes contextos e a partir de recortes conceituais e empíricos diversos, que nos instigam a pensar de fato “a quem interessa falar de arqueologias?” Assim, Luz Bispo parte da teoria Queer, feminista e das discussões de gênero para nos convidar a pensar como a Arqueologia, ao longo do tempo, partiu da cultura material para construir identidades de gênero para as pessoas do passado que na verdade empregam categorias contemporâneas e normatizam representações próprias de contextos modernos. Anne Castelo Branco toma o Parque Floresta Fóssil, localizado em Teresina (PI), como lócus para demonstrar como as ações educativas e o diálogo entre ciência, patrimônio e comunidade são ferramentas fundamentais para a valorização dos bens patrimoniais e, sobretudo, para a promoção do pertencimento, da memória e da transformação social. Já Nailton Ribeiro e seus colaboradores voltam seus olhares para as unidades domésticas de Lagoa de Fora, uma pequena comunidade rural de São Raimundo Nonato, Piauí, ao abordar a trajetória dos fundadores Serapião e Anna Rosalina e de seus descendentes, evidenciado histórias de vidas que historicamente são silenciados pelas narrativas oficiais. Do mesmo modo, Rimie Oliveira e Marcus Almeida também partem de vivências e práticas compartilhadas em contextos familiares e locais para demonstrar a diversidade das religiosidades populares e de seus processos de patrimonialização, a partir do caso dos “benditos da Maria do Estevão”, festejados na comunidade Lagoa das Vacas, na zona rural de Coronel José Dias – PI.

Acreditamos que os artigos aqui reunidos nos ajudam a entender a potencialidade de reconhecermos as dimensões arqueológicas que atravessam múltiplos contextos e temporalidades. Certamente, o que se busca não é um consenso teórico ou metodológico. Todavia, acreditamos que não basta apenas recusar um enquadramento disciplinar rígido, pois afinal, quem tem o direito ou autoridade pra dizer que “isso não é Arqueologia”? É preciso, sobretudo que o incremento de múltiplas arqueologias possa ser uma ferramenta para a superação de violências e desigualdades historicamente instituídas. Na conjuntura, a singularidade do arqueológico emerge das interfaces entre tempo, materialidade, memória e experiência, que são manejadas na expectativa de oferecer breves vislumbres dos contornos efêmeros que configuram os múltiplos mundos que (r) existem aqui conosco. Boa leitura!

Alencar Miranda Amaral

Leandro Elias Canaan Mageste